



## **Dobb, Marx e o desenvolvimento do Capitalismo**

### *Dobb, Marx and the development of capitalism*

Gabriel Galeti Mauro<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa possíveis discrepâncias metodológicas entre Dobb e Marx a respeito do desenvolvimento da economia moderna. O objetivo é discutir o quão unilateral é a perspectiva do economista britânico a respeito da transição do feudalismo para o capitalismo quando comparada com a análise do comunista alemão.

Palavras-chave: Dobb. Marx. Capitalismo

**ABSTRACT:** This article analyses possible methodological divergencies between Dobb and Marx about the development of modern economy. The objective is to discuss how one-sided is the perspective of the british economist about the transition from feudalism to capitalism when compared with the analysis of the german communist.

Keywords: Dobb. Marx. Capitalism

## **INTRODUÇÃO**

Maurice Herbert Dobb foi um economista marxista reconhecido pelas suas teses acerca da transição do feudalismo para o capitalismo, presentes na obra *Studies in the Development of Capitalism* de 1946. Os argumentos do autor sobre a formação da economia moderna deram origem a um extenso debate sobre esse processo transitório.

### **A TESE DE DOBB**

Nos primeiros capítulos de seus *Studies*, Dobb comenta que o declínio do modo de produção feudal não foi resultado da expansão mercantil que ganhava força no final da Idade Média. Apesar da importância dos movimentos do capital comercial, este não teria

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Economia da FEA-USP. Este artigo é uma extensão de Iniciação Científica produzida pelo autor sob orientação do Prof. Dr. Alexandre M. Saes. O amparo financeiro foi realizado pela FAPESP.



sido decisivo para dissolver o feudalismo.<sup>2</sup> Compreender a transição exigiria reconhecer a luta de classes como o motor da transformação histórica. A articulação interna do modo de produção, com relações de servidão chocando-se contra o desenvolvimento das forças produtivas, provocaria contradições de classe explosivas que alterariam o curso da história no sentido da formação de uma nova sociedade.

De fato, o autor argumenta que, num sistema de baixa produtividade como o feudalismo, a elevação do excedente nas mãos da nobreza só poderia ser alcançada aumentando extensivamente a exploração dos servos. Aumento das horas de trabalho no manso senhorial e rebaixamento das condições de vida dos produtores diretos tornavam-se frequentes nos últimos anos do medievo, sendo acompanhados de revoltas camponesas em diversos pontos da Europa. É a própria dinâmica interna do modo de produção feudal, portanto, que teria de produzir as condições para sua superação.<sup>3</sup>

No objetivo de demonstrar a correção de sua tese acerca da transição do feudalismo para o capitalismo, Dobb compara os efeitos da expansão comercial em regiões da Europa Ocidental e Oriental. Argumenta que, se o desenvolvimento dos mercados acompanhou a dissolução da economia senhorial na Inglaterra e na França, o mesmo não vale para países como Rússia e Polônia. Nessas regiões, o crescimento dos mercados teria reforçado a servidão e os laços de obrigação compulsória.<sup>4</sup> Assim, o autor descarta a possibilidade de que as relações comerciais teriam exercido o papel decisivo na formação do capitalismo. No continente como um todo, a transição precisaria ser explicada a partir de contradições nascidas da própria dinâmica interna do feudalismo, com lutas de classes explosivas capazes de alterar o curso da história econômica europeia. Nesse sentido, Dobb comenta que é somente a partir das revoluções burguesas na Inglaterra, com a *Commonwealth* estabelecida na década de 1640, que foi dado o primeiro passo para a superação do feudalismo.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> (Dobb, 1977, p. 60)

<sup>3</sup> (Dobb, 1977, p. 60 – 61)

<sup>4</sup> (Dobb, 1977, pp. 56 – 57)

<sup>5</sup> (Dobb, 1977, pp. 88 – 89)



## DIVERGÊNCIAS ENTRE DOBB E MARX

Julgamos que Dobb não realiza um recorte geográfico mais específico para empreender sua análise. É verdade que o autor divide a Europa em partes ocidental e oriental, conseguindo refutar os argumentos que colocam o comércio como ponto de partida da superação do feudalismo. Acreditamos, no entanto, que essa clivagem não é suficiente. O economista acaba replicando implicitamente o processo de dissolução do feudalismo na Inglaterra para o restante do continente europeu.

Em última instância, Dobb incorre numa análise teleológica e unilinear da história econômica europeia, como se fosse um sequenciamento de estruturas sociais para todas as regiões, com o final já estabelecido *a priori*. Essa forma mecânica de analisar a história ganha força com a burocratização do Partido Bolchevique e dos demais partidos comunistas ao longo da década de 1920. É no VI Congresso da Internacional Comunista em 1928 que vence a tese de que os países, antes de preparar a passagem ao socialismo, deveriam superar seus atrasos pré-capitalistas e promover uma revolução burguesa.<sup>6</sup> A história econômica mundial passava a ser dividida em etapas rígidas válidas para qualquer região. A transição clássica do feudalismo para o capitalismo, específica para alguns pontos da Europa, tornava-se uma regra universal. Dobb, por sua vez, foi militante do Partido Comunista da Grã-Bretanha, o qual acata as determinações vindas de Moscou. Tal fato nos sugere que a linha dogmática dos partidos comunistas influenciou o economista no momento em que o autor desdobra suas principais teses sobre a transição.

Não recusamos a proposta de analisar a formação do capitalismo na Europa a partir das lentes das lutas de classes. Dobb acerta ao empregar essa perspectiva ao invés de propor uma tese mercantil da transição, como faz Paul Sweezy. O problema está na perspectiva unilateral e dogmática que o autor inglês aplica em seu método analítico, divergindo da concepção materialista de Marx.

Essa concepção, que entende a luta de classes como fundamento da história, concebe a dinâmica de movimento dos tecidos sociais e econômicos num modo diacrônico-sincrônico. Diacrônico na medida em que existe um ordenamento de modos de produção,

---

<sup>6</sup> (Benoit, 2004, p. 42)



com o capitalismo sendo historicamente posterior ao feudalismo. Sincrônico devido ao fato de que essas mesmas estruturas podem se chocar, com novas contradições de classes que superam barreiras nacionais e se encontram com relações de produção atrasadas.<sup>7</sup> Se é pelas lutas de classes que precisamos entender uma sequência de estruturas econômicas, essas mesmas lutas, que se universalizam conforme o capitalismo assume um caráter internacional, entram em confronto com tecidos sociais passados que ainda persistem em contato com o novo modo de produção. A perspectiva de diacronia e de sincronia permite à concepção materialista de Marx entender a formação do capitalismo como um processo universal que não elimina as particularidades nacionais na formação da economia moderna. Nesse sentido, se é certo que a Rússia e países orientais como a China acabariam entrando no circuito mundial de acumulação por conta do caráter internacional da contradição capital-trabalho, nada sugere que a formação da economia moderna nesses países deveria seguir o processo clássico de tipo inglês ou francês.

É necessário, para sustentar nosso argumento, recuperar o *Manifesto Comunista* de 1848, que começa com uma discussão sobre a expansão do mercado mundial e, portanto, das lutas entre burgueses e proletários. Conforme a indústria capitalista e a produção de mercadorias superam barreiras e entraves nacionais, observa-se um modo de produção que se choca com tecidos passados e os submete à lógica de acumulação de capital. É isso que leva Marx e Engels a afirmarem que “*os baixos preços de seus produtos são a artilharia pesada que destrói todas as muralhas da China e obriga à capitulação os bárbaros mais tenazmente hostis aos estrangeiros*”.<sup>8</sup> Ora, o que representa o fato de mercadorias baratas entrarem em tecidos sociais seculares e historicamente anteriores ao capitalismo? Nos parece ser justamente esse encontro, esse choque entre relações de produção distintas, um processo movido a partir de lutas de classes que não se encerram nos limites nacionais, mas que se articulam internacionalmente, sem que países como China e Rússia tenham de passar pela mesma transição “feudalismo-capitalismo” observada na Inglaterra.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> (Benoit, 1998, p. 64)

<sup>8</sup> (Marx & Engels, 2010, p. 44)

<sup>9</sup> Recordemos que, no prefácio à edição russa do *Manifesto* de 1882, Marx e Engels colocam claramente a possibilidade de que, dado o *entrelaçamento* da antiga propriedade camponesa russa



Em momentos de maior maturidade, Marx segue fornecendo evidências de uma concepção materialista que é diacrônica e sincrônica. Em sua teoria moderna da colonização, contida em *O Capital*, o autor nos mostra que o modo de produção capitalista, numa expansão internacional, se choca e inicia uma luta contra sociedades nas quais o enriquecimento ocorre a partir do trabalho próprio. Trata-se, portanto, de um confronto entre modos de produção distintos: um baseado na acumulação de capital a partir de trabalho não-pago (geração de mais-valia) e o outro estruturado a partir de produtores detentores dos meios de produção e que acumulam por meio da própria atividade laboral.<sup>10</sup>

## CONCLUSÃO

Nosso objetivo, no presente artigo, foi mostrar que Dobb, mesmo aproximando-se da concepção materialista de Marx ao entender a formação do capitalismo pelas lutas de classes, usa esse arcabouço de maneira unilateral, recaindo implicitamente num etapismo que não reconhece a possibilidade de choques entre modos de produção.

## REFERÊNCIAS

- BENOIT, A. Héctor R. “A luta de classes como fundamento da história”. In. TOLEDO, Caio Navarro de. (Org.). *Ensaios sobre o manifesto comunista*. São Paulo: Xamã, 1998.
- BENOIT, A. Héctor R. “O Programa de Transição de Trotsky e a América”. *Crítica Marxista*, São Paulo: Xamã, v.18., 2004.
- DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

---

com as novas relações burguesas de produção entrando no país, a Rússia poderia ser o ponto de partida de uma revolução comunista mesmo não desenvolvendo internamente uma economia capitalista plena como na Inglaterra. (Marx & Engels, 2010, p. 72).

<sup>10</sup> (MARX, 2013, p. 835). Importante mencionar que as colônias às quais Marx faz referência nessa passagem são aquelas regiões colonizadas por imigrantes livres. Não são, portanto, as colônias integradas no sistema colonial tal como conhecemos. São locais nos quais o enriquecimento se dá por trabalho próprio.